

SOLIDARIEDADE E EDUCAÇÃO: RELATOS DE EXPERIÊNCIA NA PERSPECTIVA DA COMPLEXIDADE

Jane Kelly de Souza Nascimento¹

Rosiméri Corrêa França²

RESUMO

Este artigo foi desenvolvido a partir de reflexões realizadas na disciplina “Complexidade e Educação”, no programa de Mestrado Profissional de Práticas da Educação Básica do Colégio Pedro II. Ele tem como objetivo geral religar saberes em projetos pedagógicos inter e transdisciplinares, através de dois relatos de experiências, ambos ocorridos em escolas públicas. Para subsidiar esse estudo, nos apoiamos na Teoria da Complexidade de Edgar Morin, considerando a ética da solidariedade como tema norteador para o desenvolvimento dos projetos em questão. Esses projetos pedagógicos buscam desenvolver o sentimento de estima para com os seres vivos e com o cosmo, na construção de um cidadão planetário e de uma sociedade mais igualitária.

Palavras-chave: Paradigma da Complexidade, Projeto pedagógico, Interdisciplinaridade, Transdisciplinaridade, Ética de solidariedade.

INTRODUÇÃO

Pensar na escola como um lugar que não somente se aprendem conteúdos disciplinares é entender que muito do que acontece nesse espaço, perpassa pelas relações interpessoais e pelo aprendizado de convivência entre pessoas diversas, advindas de realidades distintas. E, para que esse espaço seja um lugar agradável para todos, há a necessidade de se aprender a gerenciar conflitos, partindo de uma visão solidária e agregadora.

Nessa perspectiva, os conceitos abordados na teoria de Complexidade, defendida por Edgar Morin, auxiliam os docentes a refletirem acerca do seu fazer pedagógico e

¹ Professora de língua portuguesa da rede municipal de Itaboraí – RJ e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica do Colégio Pedro II, campus São Cristóvão, RJ.
zuzjk2015@gmail.com

² Professora de matemática da rede municipal do Rio de Janeiro e mestranda do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação do Colégio Pedro II, campus São Cristóvão, RJ.
rosicfranca@gmail.com

incorporarem às suas práticas, um olhar mais atento ao que acontece nas relações internas no ambiente escolar.

Saber visualizar uma situação-problema e agir de forma a não apenas solucionar o que está posto, mas também se utilizar do conflito, da desestabilização das relações, para envolver os alunos em uma nova ordem, na qual a solidariedade servirá como mediadora e os ensinará a encontrar saídas mais inteligentes e menos violentas para as tensões que se apresentam no cotidiano escolar.

METODOLOGIA

Vivendo em um mundo envolto em profundas crises políticas, sociais, ecológicas, de pensamento e consciência, faz-se necessária uma reflexão individual e coletiva acerca dos paradigmas adotados pela sociedade atual. Imersos em um meio social no qual eclodem várias discussões em favor das múltiplas posturas e escolhas frente à vida, há de se ponderar que está cada vez mais difícil nos utilizar dos paradigmas tradicionais, focados na objetividade e na linearidade de pensamentos para entender a realidade posta à nossa volta.

Segundo Moraes (2008, p.186), “uma sociedade intercultural, sob o olhar da complexidade, funciona como unidade complexa, como um sistema orgânico, que articula organizacionalmente diferentes elementos culturais constitutivos que ocupam um determinado lugar no tempo e no espaço.” Uma realidade multicultural, multiplataformas, instável e incerta; em suma, uma realidade complexa, na acepção da palavra: envolta em redes que se entrelaçam e interdependem umas das outras.

A partir do paradigma da complexidade conseguimos ver o ser humano de forma multidimensional, respeitando todos os aspectos presentes em sua natureza: o social, o afetivo, o espiritual, o cultural, como também o científico. Compreendendo, assim, que a incerteza, os conflitos, a ambiguidade e o diálogo estarão sempre presentes em um meio no qual a visão complexa é levada em conta. Todos esses aspectos são assumidos e ponderados nessa concepção paradigmática. Moraes e Navas (2010), inspiradas nas ideias e reflexões de Edgar Morin, discorrem sobre o pensamento complexo.

A complexidade tem por fundamento a negação da simplificação e pressupõe a intencionalidade de dialogar com as ambiguidades, os equívocos, as diversidades, por meio dos operadores cognitivos do pensamento complexo. Pensamento esse mais amplo, sistêmico, relacional e transdisciplinar, capaz de religar o que a ciência moderna fragmentou, nutrida pela complexidade, apoiado na busca de um novo olhar sobre a realidade. (2010, p.208)

No campo educacional, o paradigma da complexidade traz uma contribuição construtiva e propõe a superação de modelos tradicionais, que por muitas décadas propuseram a separação dos saberes em áreas estanques e divididas, promovendo um ensino descontextualizado e fragmentado. A proposta dos estudiosos do pensamento complexo, como Morin e Moraes, é calcada na religação dos saberes, partindo de uma “educação solidária, transcultural e polissêmica, a favor da condição humana” (Morin, 2000).

Dessa forma, são elencados alguns conceitos basilares que devem estar presentes nas aulas dos professores que primam pela discussão de pontos de vista e pela formação do indivíduo crítico e criativo: a dialogicidade, a diversidade, a presença da incerteza, a ética solidária, a contradição (paradoxos) e a importância igualitária entre o todo e as partes em um processo.

O conceito da dialogicidade está intimamente ligado à ética solidária, quando se faz presente a escuta respeitosa da opinião e do ponto de vista do interlocutor em uma conversa ou discussão sobre determinado assunto. É importante que o diálogo esteja presente na escola, como forma de construir conhecimento, a partir da contribuição do outro, seu parceiro com o qual será partilhada a sua vivência no mundo. Uma gestão curricular que privilegia o diálogo, e consequentemente, o que é dialógico, valoriza a criação de cenários participativos, a descentralização dos processos e privilegia a alteridade. (Moraes, 2008)

Assim sendo, o princípio dialógico nos leva a perceber a dualidade no meio da unidade, ou seja, defender sua visão individual, sem deixar de se perceber parte de uma coletividade na qual a sua existência se faz, a partir desse processo de trocas entre seus pares. Paulo Freire (1996) já se referia a essa inter-relação presente no diálogo, quando afirmava que “[...] ninguém educa ninguém. Ninguém se educa sozinho. Os homens se educam juntos na transformação do mundo.” E a escola é esse lugar onde ocorrem essas transformações e, com elas, o aprendizado de vida.

Sabendo que o ambiente escolar é um cenário no qual as ações são, na maior parte das vezes, imprevisíveis, o pensamento complexo se atém ao estudo da incerteza, não como algo destruturador e fora dos planos, mas como um agente de crescimento e desvelador de situações-problema que acontecem nas salas de aula, e os professores precisam saber lidar e transformar, através do diálogo e reflexões realizadas por todos os envolvidos, em resultados positivos no percurso escolar.

A complexidade na Educação auxilia no entendimento de que todos os integrantes do processo educacional, tais como, os profissionais da educação, discentes e colaboradores têm a sua importância no *todo* entendido como escola; suas necessidades enquanto instituição e

zeladora do bem estar das partes envolvidas no seu cotidiano. Entretanto, deve se ater também, às individualidades de cada integrante; visto como *parte* desse processo: seus anseios, dúvidas, sentimentos e dificuldades pessoais.

Na visão complexa, não há como priorizar o todo, nesse caso, representado pela instituição escola, em detrimento das partes. Há de se analisar todas as partes em separado, como também, dar atenção ao todo que se apresenta como soma dessas partes.

Pensar a escola e em medidas para atender o *todo escolar*, porém, ao mesmo tempo, se voltar às *particularidades* dos atores (professores e alunos); essas seriam as atitudes dos agentes envolvidos em uma educação que contemple a diversidade, em sua abrangência, e estão direcionadas à concretização de um processo educacional focado na formação de indivíduos pensantes, críticos, éticos, solidários e atuantes na mudança da ordem social vigente.

A ética de solidariedade nos permite ver o outro como semelhante, ainda que diferente em sua subjetividade, mas igual, na espécie humana. Embora devesse ser natural, o reconhecimento dessa igualdade vem se rareando ao longo dos tempos. Apesar de os avanços e desdobramentos das relações cibernéticas supostamente reduzir distâncias geográficas e ampliarem o quantitativo de amigos, por outro lado possivelmente reduzem a autopercepção, através do semelhante, e provavelmente ampliam a limitação do olhar para o outro, não transpondo essa rede de relações, que formam o todo, para o mundo físico.

Diante dessa realidade, será que ainda podemos desenvolver a ética de solidariedade?

Em uma entrevista concedida às “Fronteiras do Pensamento”³, Edgar Morin (2011) nos faz refletir que para construção de um novo tempo é necessário que tenhamos internalizados uma ética mais abrangente. Essa abrangência exige uma visão mais ampla, ou seja, que englobe o cosmos, se apropriando de uma ética individual e ao mesmo tempo coletiva, a qual o autor designa de ética planetária.

Morin (2011) nos adverte ainda que estamos vivendo uma mesma época planetária, onde temos as mesmas ameaças e o mesmo destino, somos diferentes e iguais, carregamos em

³ Projeto que propõe uma profunda análise da contemporaneidade e das perspectivas para o futuro. Comprometido com a liberdade de expressão, a diversidade de ideias e a educação de alta qualidade, o projeto promove conferências internacionais e desenvolve conteúdos múltiplos com pensadores, artistas, cientistas e líderes em seus campos de atuação.
Fonte: <https://www.frenteiras.com/o-projeto>

nossas células o nosso eu e todos e fazemos parte da humanidade. A partir desse pensamento, poderíamos refletir que temos o dever de semear amorosidade no cuidado com outro, com a sociedade, com o planeta e com o cosmos. Afinal, compomos essa interligação e somos compostos por ela. Em consonância com o pensamento de Edgar Morin, Petraglia (2000) nos convida a refletir.

Ao escrever e refletir sobre essas ideias, nos vem a percepção do outro e o quanto sua presença e existência ao nosso lado, compartilhada, nos importa. Será mesmo uma presença compartilhada? Há solidariedade em nossas ações? Se não podemos ver o outro como um diferente de nós e por isso, ou apesar disso, respeitá-lo como sujeito e cidadão terrestre, não estaremos pensando nem sentindo de maneira complexa. (2000, p.16)

De acordo com Petraglia (2000), deveríamos por em prática as atitudes de amor, cuidando de nosso corpo e do nosso espírito, cuidando do outro e do planeta. Esse cuidado é respeito, é amor, é o que consiste a ética da solidariedade. Praticar essa ética é exercer nossa cidadania planetária.

Perceber o semelhante, buscar compreender para amar é o que propõe a ética da complexidade que “ é aquela capaz de ver e compreender o outro como um ser amado em sua dimensão humana, que pressupõe o entender e o sentir, o prosaico e o poético, as idéias e os sentimentos.” (PETRAGLIA, 2000)

Ao cultivar o respeito e a compreensão às necessidades e limitações dos sujeitos no âmbito escolar, estaremos praticando a ética da solidariedade que na tentativa de transformar positivamente diferentes contextos educacionais através da comunicação entre os diferentes saberes, poderá contribuir para a prática transdisciplinar.

DESENVOLVIMENTO

Uma das possibilidades para desenvolver a prática transdisciplinar é através da metodologia de projetos. Segundo Behrens (2006), essa forma de estudo, pode provocar a conscientização e a aprendizagem individual e de todos os envolvidos no projeto, assim como provocar “[...] um ensino focado na aprendizagem complexa, crítica, reflexiva e transformadora.”

Nessa perspectiva, a partir de determinados problemas existentes em duas escolas públicas buscou-se por meio da metodologia de projetos, desenvolver a solidariedade para encontrar as possíveis soluções dos problemas ou diminuí-los. A metodologia adotada permite a participação de todos e de todas as disciplinas, com as diferentes visões.

Considerando a perspectiva da complexidade, a seguir, relataremos duas experiências pedagógicas envolvendo aspectos da solidariedade, utilizando a metodologia de projetos e realizadas em diferentes contextos escolares.

4.1. Jogando, Ensinando e Aprendendo

O Projeto “Jogando, Ensinando e Aprendendo” foi realizado em uma escola pública da rede municipal de Itaboraí, no estado do Rio de Janeiro, a partir de uma proposta interdisciplinar de dois professores das disciplinas Língua Portuguesa e Matemática, atuando em turmas do 9º ano.

A motivação inicial para o Projeto se deu em razão de duas situações-problema percebidas pelos docentes ao longo do primeiro semestre escolar. A primeira se referia à dificuldade de relacionamento entre os alunos do 9º ano e os alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental que dividiam o turno da tarde na escola. O ponto crucial do conflito entre os alunos se deu quando um aluno do 9º ano jogou dentro da lixeira da escola, um aluno do 2º ano do Ensino Fundamental, gerando uma situação complicada, na qual a falta de respeito imperava entre ambas as crianças envolvidas e suas turmas. Assim, era imperativa a atuação da escola em prol da resolução desse conflito.

Aliada à essa motivação conflituosa, estava a dificuldade apresentada pelos alunos do 9º ano, em realizar operações lógico-matemáticas e, também, em se expressar nas produções escritas e orais. A esse respeito, Morin (2005, p.300) observa que “a geratividade funciona com a desordem, tolerando-a, servindo-se dela e combatendo-a em relação antagônica, concorrente e complementar.” Dessa forma, ideias foram levantadas para que se pudesse criar um projeto envolvendo ambos os grupos, a fim de integrá-los em uma ação conjunta.

Agindo de forma interdisciplinar, os docentes desenvolveram o Projeto Jogando, Ensinando e Aprendendo, para que através de uma atividade lúdica, envolvendo jogos matemáticos, os laços entre os alunos pudessem se estreitar e o aprendizado das disciplinas pudesse acontecer de forma espontânea. Moraes (2008) aponta que o conhecer e o aprender envolvem as dimensões sensoriais, intuitivas, emocionais, racionais, dimensões não fragmentadas e nem dicotomizadas no ser humano.

Sendo assim, foi proposto aos alunos do 9º ano que se dividissem em grupos e pensassem em ideias para criação de jogos envolvendo as operações matemáticas para serem jogados pelos alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental. Além de pensar, criar as regras escritas e montar os jogos, eles teriam, também, de aplicá-los em um dia de culminância do projeto, em sala de aula.

Em princípio, a proposta foi recebida com rumores de desagrado pelos alunos, uma vez que acreditavam não ser uma atividade na qual eles aprenderiam conteúdos significativos. No entanto, os professores se utilizaram do diálogo para apresentar as vantagens que o Projeto poderia trazer às turmas. Moraes e Navas (2010, p.210) acrescentam que “o professor dialógico utiliza das contradições para intervir e provocar aprendizagens em seus alunos em sala de aula.” E, complementam, afirmando que o “papel da polêmica é essencial para a reflexão do processo que acontece no ambiente de aula e, ao contrário do que muitos acreditam, deve ser mantida no grupo e percebida como contribuinte do processo.”

Após discussões realizadas em sala, os alunos começaram a aceitar a ideia do Projeto, entendendo que estariam agindo de forma solidária, criando jogos com conteúdos matemáticos específicos e regras inteligíveis aos alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental.

Desenvolver essa consciência solidária foi um dos objetivos do trabalho interdisciplinar realizado com os alunos. É necessário desenvolver neles valores éticos e não apenas, apresentar conteúdos programáticos descolados da realidade. Aprender a ser humano em um mundo repleto de injustiças. E, isso, implica o reconhecimento de que “somos seres, simultaneamente, cósmicos, físicos, biológicos, culturais, com cérebro e espírito.” (Morin, 2000:38)

Foram algumas semanas de preparação que antecederam o dia da culminância do Projeto. Os alunos optaram por confeccionar os jogos com material reciclável, para baratear o custo e se envolver em uma proposta sustentável. Dessa forma, conseguiram desenvolver um pensamento solidário em relação aos colegas e à natureza, reconhecendo as ações humanas como socialmente justas, ecologicamente corretas, economicamente viáveis e culturalmente equitativas. (Moraes, 2008)

Jogos e regras prontas e muita ansiedade para a aplicação destes com as crianças. Nesse momento, os professores perceberam que ao longo do processo que se iniciou com uma aversão inicial à ideia de compartilhar conhecimentos, foi se transformando em ideias positivas e um desejo incontido de ver o Projeto se realizar na prática.

Uma semana antes da culminância, os professores de Matemática e Língua Portuguesa se reuniram com as professoras do 1º segmento para explicar a essência do Projeto e envolvê-las na ideia dos jogos, considerando não apenas o viés pedagógico, mas também solidário e agregador. Logo após a exposição das ideias, as professoras abraçaram o Projeto e prometeram conversar com seus alunos a respeito do dia da culminância. Tendo em vista essa consciência cidadã que estava em formação nessa atividade, Almeida e Petraglia (2008) ressaltam que:

Precisamos, pois, unir os saberes formativos, que são fundamentalmente éticos, aos técnicos e culturais, para que possamos aprender a condição humana.[...] Somos produtos e produtores dessa cultura. E essa relação auto-eco-organizadora deve contribuir para que aflore uma consciência ética e reflexiva de pertencimento à espécie humana, como também, a consciência de uma cidadania, que é planetária.(2008, p.43)

O dia tão esperado, finalmente chegou, e, tanto os alunos do 9º ano, quanto às crianças do 1º segmento estavam ansiosos para a aplicação dos jogos. As turmas foram divididas em duas salas, de acordo com o conteúdo direcionado às séries escolares. Os alunos organizaram seus jogos nas mesas, de forma a chamar a atenção das crianças e facilitar a brincadeira. Além disso, trouxeram brindes (balas, pirulitos e bombons) para dar aos alunos que participassem das atividades, ganhando ou perdendo. Pensaram no outro com carinho e empatia, em uma atitude, realmente, solidária.

O encontro das turmas foi realizado de forma descontraída e respeitosa. As crianças entravam nas salas e eram recebidas com muita atenção pelos colegas mais velhos, que se apresentaram solícitos e pacientes ao realizar as exposições das regras dos jogos. Muitas vezes, ajudando-os na realização das operações matemáticas e compartilhando suas técnicas próprias com os mais novos. Almeida e Petraglia (2008) atentam para essas relações pessoais que nos humanizam e que a convivência com o outro nos ensina a prática da solidariedade e do exercício do respeito às diferenças, promove e estimula uma ética de compreensão e fraternidade.

A iniciativa de mediar um conflito de forma pensada e dialógica promoveu um ganho imenso a todos os envolvidos no processo - alunos e professores. Pensar e agir de forma solidária, com alteridade, praticando a escuta atenta do seu interlocutor deve fazer parte do cotidiano da escola da atualidade. De acordo com Morin (2000, p.11), “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” Aprender a ser e a conviver com as diferenças fazem parte de práticas que a escola deve assumir como de suma importância em seu currículo, em

uma perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, considerando seu aluno como um ser uno (aspectos individuais) e múltiplo (aspectos coletivos) em sua essência.

4.2. Gentileza gera Gentileza

O Projeto Gentileza gera Gentileza foi realizado em uma escola pública municipal do Rio de Janeiro, cuja violência na comunidade, e em alguns casos, também a violência familiar, já estava ultrapassando os muros da instituição de ensino. Observando que “os determinantes da violência extrapolam as características individuais e grupais dos indivíduos envolvidos e não se restringem às vivências do contexto escolar [...]” (Silva, Sales, 2010, p.217), já que gradativamente percebiam-se inseridos na escola a agressividade e a intolerância dos estudantes com seus pares, instalando-se o caos.

Segundo profissionais dessa escola, eles mesmos não sabiam mais lidar com essa situação, ou como mencionou a diretora da escola: “Não sabíamos mais controlar aquele novo movimento presente na unidade escolar.” E o que mais os amedrontava era o desconhecimento do que poderia acontecer a partir dessas atitudes violentas.” Tudo estava fora da ordem concebida por eles, pois “[...] a ordem é aquilo que permite a previsão, isto é, o domínio, a desordem é aquilo que traz a angústia da incerteza diante do incontrolável, do imprevisível, do indeterminável.” (Morin, 2005, p. 210)

Considerando que há várias formas de ordem (MORIN, 2005), dessa aparente desordem eclodiu uma reestruturação das relações existentes na comunidade escolar, modificando razoavelmente a disposição para aprender e para ensinar. Essas mudanças consideráveis foram observadas a partir do desenvolvimento do projeto Gentileza gera Gentileza.

Inspirado na filosofia do profeta Gentileza⁴, o projeto buscou resgatar valores para despertar a solidariedade e atitudes contra a violência no âmbito escolar, desejando o desdobramento dessas ações também na sociedade.

Com uma proposta transdisciplinar, o projeto Gentileza gera Gentileza envolveu as disciplinas de Artes Visuais, Ciências, Filosofia - a partir da disciplina de História, Língua Estrangeira, Língua Portuguesa e Matemática. Pretendeu-se, assim, reavivar o amor, a ética e

⁴ Empresário do setor de transporte de carga em Niterói, José Datrino (1917-1996), nascido em Cafelândia, no interior paulista, tornou-se *Gentileza* após uma epifania à véspera do Natal de 1961. Teve a visão do que acreditou ser o fim dos tempos, vendeu todos os bens e virou pregador de rua. (Fonte: <https://www.revistaprosaveroarte.com/gentileza-gera-gentileza-profeta-gentileza-jose-datrino/>)

a solidariedade na convivência que nos faz florescer; o que Morin (2011) classifica como a poesia da vida.

“[...]a vida, a meu ver, é polarizada entre a prosa- ou seja, as coisas que fazemos por obrigação, que não nos interessam, para sobreviver e a poesia – o que nos faz florescer, o que nos faz amar, comunicar. E é isso que é importante.” (MORIN, 2011,)

Para expressar a poesia, optou-se por atos e trabalhos que desenvolvessem o respeito para com o outro: alunos, funcionários e professores, para reduzir o preconceito e a intolerância. Procurou-se também conscientizar os estudantes que cada ação provoca uma reação diferente em quem pratica a ação e em quem a sofre, a qual vai se expandido para um universo maior. Como por exemplo, a comunidade escolar, que expandiu esses atos além de seus muros e que também reagiu à ações exteriores, formando uma rede e mostrando, assim, o quanto e como todos estão interligados. Os alunos puderam perceber como pequenas mudanças podem gerar grandes transformações, através da história e filosofia de vida do profeta Gentileza.

Almejou-se com este trabalho, contribuir para a formação de um novo cidadão, que se relaciona bem consigo mesmo, e conseqüentemente procura se relacionar melhor com o seu semelhante e com o planeta em que vive; como também, auxiliar na construção de uma sociedade mais justa-e consciente de sua responsabilidade.

Para por o projeto em prática, foram desenvolvidos quinze atividades e um desafio divididos em 9 semanas, dentre elas: apresentação do projeto aos alunos e coleta das informações que eles tinham sobre o tema; exibição do filme “Corrente do Bem”; debate presencial sobre um pensamento de Gandhi: “Você deve ser a mudança que deseja ver no mundo.” e sobre o tema Gentileza gera Gentileza; pesquisa sobre o profeta Gentileza e sobre o que é gentileza; pesquisa sobre atitudes gentis com o meio ambiente e com as pessoas. Além dessas atividades, foram realizadas reflexões sobre o que a comunidade estava vivenciando a partir do videoclipe musical Gentileza da cantora Marisa Monte; criação de um fórum para debater o tema no qual também participaram responsáveis e funcionários e o estudo das formas geométricas presentes no catavento de Gentileza e qual poderia ser o significado da sua representação.

A fim de disseminar postagens e opiniões sobre o projeto, além de exemplos de atitudes gentis que poderiam ser multiplicadas, foi criado um ambiente na web, disponível à comunidade escolar. O desafio proposto foi aumentar cada vez mais a rede social Gentileza gera Gentileza.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A iniciativa de mediar um conflito de forma pensada e dialógica promoveu um ganho imenso a todos os envolvidos no processo - alunos e professores. Pensar e agir de forma solidária, com alteridade, praticando a escuta atenta do seu interlocutor deve fazer parte do cotidiano da escola da atualidade. De acordo com Morin (2000, p.11), “a educação pode ajudar a nos tornarmos melhores, se não mais felizes, e nos ensinar a assumir a parte prosaica e viver a parte poética de nossas vidas.” Aprender a ser e a conviver com as diferenças fazem parte de práticas que a escola deve assumir como de suma importância em seu currículo, em uma perspectiva interdisciplinar ou transdisciplinar, considerando seu aluno como um ser uno (aspectos individuais) e múltiplo (aspectos coletivos) em sua essência.

Ao final das atividades, os estudantes fizeram uma autoavaliação, refletindo sobre suas atitudes e foram avaliados pelos professores em relação às atividades. O gerenciamento do ambiente virtual foi repassado à direção escolar para que dessem continuidade à proposta.

Dessa forma, a realização dos debates e atividades do Projeto Gentileza gera Gentileza fomentou o ensino de valores esquecidos, despertou o olhar e o respeito para a diversidade, mostrou a importância de nos reconhecermos em nós e no outro e de nos sentirmos um cidadão planetário responsável e amoroso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Reformular o pensamento, conforme propõe Edgar Morin, seria o primeiro passo para pensar em um novo paradigma em que novos conceitos, como a solidariedade, a diversidade, a dialogicidade, dentre outros, são elencados como basilares para que essa reforma do pensamento, realmente, aconteça. E o cenário escolar seria o local principal para que esses conceitos sejam postos em prática, pensando na perspectiva do pensamento complexo.

A visão solidária como agregadora do diálogo e do respeito à diversidade se apresenta como um dos mais importantes conceitos a serem concretizados no cotidiano escolar. Escutar o que o outro tem a dizer, sem ter, necessariamente, que concordar com ele é atitude fundamental quando se pensa em uma convivência solidária em sociedade.

Para que essa ética planetária possa ser posta em prática no ambiente escolar, é de suma importância que os profissionais da educação possam promover essa reforma do

pensamento proposta por Morin e desenvolver momentos, em sala de aula, nos quais os alunos consigam refletir sobre suas atitudes e sobre a própria realidade em que vivem, propondo saídas criativas e conjuntas para os problemas que surgem no cotidiano escolar. Além disso, ouvir e trocar com os colegas de profissão, e pensar em atividades que possam beneficiar não somente o todo (turma), mas também o indivíduo (aluno) em sua subjetividade são caminhos assertivos a serem seguidos.

Tentar pôr em prática a ética solidária para a formação de seres mais humanos, na aceção da palavra e mais envolvidos na transformação do espaço em que vivem em um lugar melhor e mais justo para todos; pois, afinal, vivemos em uma mesma nave planetária. Não estamos sozinhos e precisamos aprender a nos respeitar e ver o outro como um complemento de nossa existência.

E, como escreveu em sua canção “Bola de meia, Bola de gude”, Milton Nascimento afirma que *O solidário não quer solidão*. Complementando com os versos que apontam as “coisas bonitas” que precisamos acreditar para tornarmos a nossa humanidade mais amável e solidária.

E me fala de coisas bonitas
Que eu acredito
Que não deixarão de existir
Amizade, palavra, respeito
Caráter, bondade alegria e amor
(Bola de meia, bola de gude - Milton Nascimento (1996))

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Cleide; PETRAGLIA, Izabel (orgs.). **Estudos de Complexidade 2**. São Paulo: Xamã, 2008

BEHRENS, Marilda Aparecida. **Paradigma da Complexidade. Metodologia de Projetos, Contratos Didáticos e Portfólios**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.

BRANT, Fernando; NASCIMENTO, Milton. **Bola de meia, bola de gude** (canção), gravadora EMI-Odeon, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura).

Fronteiras do Pensamento

Disponível em: <<https://www.fronteiras.com>>. Acesso em 18/11/18

MORAES, Maria Cândida. **Ecologia dos saberes: complexidade, transdisciplinaridade e educação: novos fundamentos para iluminar novas práticas educacionais**. São Paulo: Antakarana/WHH - Willis Harman House, 2008.

MORAES, Maria Cândida; NAVAS, Juan Miguel Batalloso. (orgs.) **Complexidade e transdisciplinaridade em educação: teoria e prática docente**. Rio de Janeiro: Wak Ed, 2010.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

_____. **Ciência com consciência**. Tradução de Maria D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

Petraglia, Izabel. **Complexidade e auto-ética**. EccoS Revista Científica, vol. 2, núm. 1, junho, 2000, pp. 9-17. Universidade Nove de Julho. São Paulo, Brasil. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71520103>>. Acesso em 19/11/18

Projeto Gentileza gera Gentileza. Disponível em: <https://issuu.com/fabianaz/docs/projeto_gentileza> Acesso em 15/11/18